

## **Caminho longo e espinhoso do saber ser e estar**

### **Retrato de Bernardo Muatinte**

Caminho longo e muito espinhoso que passei até aqui, 50 anos e cinco dias de vida e, doutorado: meta alcançada em idade prevista. MOTIVO DE ORGULHO E FELICIDADE! Comecei a apreender sofrer na 4ª classe, no centro internato da Missão de Tapatero em Murrupula, quando comia xima ou caracata mal cozidas e muitas das vezes sem caril, ou com água salgada ou com gafanhotos, grilos e pequenos roedores caçados das redondeças e cozidos em latas vazias e antigas de sardinha. Foi muito tempo em 1978 nesta vida, comendo só frutos de jambalao que hoje conheço como biólogo que me consideram por *Syzygium cumini*. Muito tempo de fome sem tomar banho mas a acordar quando o sino tocasse, subir na árvore, comer muitos jambalao e assim com os lábios pintados descer, pegar no plástico sujo com caderno e ir as aulas. As motivações de resistir nesta vida eram remotas. Eu tinha só 11 anos. Ah sim, eu percorri 60 km a pé ida e volta para ir fazer exame da 4ª classe na Zona de Influência Pedagógica (ZIP) de Mulio 1º em Cazuso, Murrupula-Nampula.

Na Escola Secundária de Marrere, Cidade de Nampula, no Centro internato aprendi e consolidei a resistência às condições adversas de falta de comida, aprendi a carregar AKM durante as corridas matinais da preparação político-militar aos 12 anos de idade. Nas escolas moçambicanas, “en las Escuelas Basicas del Campo (ESBEC) em Cuba, na Ilha da Juventude “En la Isla de la Juventud” já estava melhor treinado e por isso me sentia melhor as vezes para lutar na bicha por conseguir o bolo doce “la gaceñica” da merenda oferecida depois do trabalho de campo “la chapea”. Apreendi a respeitar sem argumentos e pior contrários, a não pisar a linha vermelha. Apreendi com gosto a viver e respeitar as directivas políticas do Marxismo-leninismo, do Socialismo então aplicadas nas ESBECs pelo Governo Socialista Cubano em coordenação com a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO): disciplina, pontualidade, trabalho, unidade, vigilância. Apreendi a lutar incontestavelmente por uma causa através dos ditados “Viva Cuba”, “VIVA Fidel Castro”, “Viva a FRELIMO”, “Independência ou Morte, VENCEREMOS”. Apreendi a cumprir a ORDEM e a sua obrigatoriedade. Ir a cama, dormir, acordar e levantar-se, lavar-se, uniformizar-se, ir ao pequeno-almoço, formar às aulas ou ao campo, cantar os hinos, ir as tarefas, voltar, tomar banho, almoçar, estudar, jantar, ir a cama e o ciclo fechar. Tudo orientado por sinetas com disciplina de ferro, político-militar. Apreendi a brincar e a jogar sob comandos de ORDEM. Foi assim que terminei da 6ª a 9ª classe em Cuba.

Na Escola Pré-universitária 1º de Maio em Nampula, no internato estava muito melhor e resiti o ambiente de ir ao jantar, receber a xima amarela que já conhecia deste Marrere e encontrar na panela de caril de quase 50 a 100ml de volume só um olho e uma barbatana de peixe carapau a flutuar, receber ou tirar a porção de água salgada com cheiro a peixe e sem questionar onde foi o dono do olho ou da barbatana, molhar a xima, ir comer, ir estudar, dormir e no dia seguinte ir as aulas. Fiz a 10ª a 11ª classe, sem questões numa escola famosa em reprovações na altura.

Na viagem para a Ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) tive o privilégio de subir o avião DC-10 e no aeroporto de Mavalane, ver de perto e abraçar o Presidente Samora Moises Machel seguida da sua esposa, Sra Graça Machel. Só me lembro que ele disse olhando para mim me com um sorriso muito sério “vão estudar meninos eh!” Na República da Moldova, em Kishinev, passei muito frio de congelar quase 365 dias a ir para a Universidade de trolei eléctrico e muitas das vezes a pé sob neve branca que ia até 30 cm de altura e gelo no solo. Nos primeiros três anos a entrar as 6:30 e sair, voltar a casa as 19h ou as 22h dependendo do sucesso dos trabalhos de laboratório. Eu bebi com gosto o Marxismo-leninismo sob o Presidente Andrei-Andrei Gromicko e depois Michail Gorbatchov e a sua peristroika. Sobrevivi o cumprimento de ORDEM, consolidei respeitar incondicionalmente e sem argumentos as linhas vermelhas. Sobrevivi o racismo de ser intermitentemente olhado e

tratado fora da Universidade, em locais públicos como macaco ou cão preto. Lembro de certas vezes mulheres na via pública mandarem calar o seu bebé dizendo e apontando “olha se não ti calas vou mandar aquele macaco de comer” a referir-se de mim que realmente, naquela juba de frio que deixava só a cara preta por fora parecia-se a macaco. Algumas das vezes isso acontecia em pleno verão. Lembro me também de uns meninos “russos” terem se aproximado de mim, tocando e esfrecando seus dedos sobre o meu braço perguntavam ao pai “pai, este aqui está pintado de preto é pessoa ou o que é?” o Pai, sem escrúpulos, respondeu: “não, é um macaco, deixa, vai de comer já, já”. Aquilo doía na alma, apteceu-me ir a embaixada requerer para voltar para Moçambique, minha terra. Mas lembrei-me das palavras do Presidente Samora Machel no DC-10: “vão estudar meninos, eh?”. Eu lembrei-me que a palavra de ordem era aquela, era também a causa justa pela qual devia lutar e passei a negligenciar tais atitudes raciais. Foi assim, de 1988 até 1993 terminei a licenciatura mais um ano de tese de Mestrado em Biologia com especialização em Entomologia.

Voltei para Moçambique e já o plano Samorista de afectação automática dos formados ao mercado de emprego tinha acabado. Sobrevivi no alojamento temporário no lar da OMM na Machava e no então Instituto Elijá Machava no Bairro da Maxaquene na Cidade de Maputo. Os dias e meses transitórios de fome antes de ter emprego eram já canja para mim. Trago aqui o nome de Eduardo Francisco Namarocolo artisticamente conhecido por “Eddy”, quem me acolheu quando voltava desamparado de Nampula, de férias e sem saber onde ir, perto da Praça dos Heróis Moçambicanos na Cidade de Maputo. Passei com ele muitos meses até conseguir emprego na Universidade Eduardo Mondlane.

Caminei no exercício da docência e investigação na UEM até em 2004 terminar o Mestrado em Maneio Integrado de Pragas e Doenças no Departamento de Zoologia e Entomologia da Universidade de Pretoria (UP), África do Sul. Foi difícil mas consegui a bolsa da SAREC para fazer este mestrado em um ano e seis meses. Viver de coca-cola ou de iogurte e pão durante algumas estadias na África do Sul eram a implementação da lição aprendida para atingir objectivos traçados.

Em Outubro de 2016 terminei o doutoramento (PhD) e Maio de 2017 fui graduado na Escola de Ciências Biológicas, Unidade de Maneio Integrado de Pragas da Universidade North-West, África do Sul. Foram quatro vezes a submeter a proposta de doutoramento ao Ministério de Ciência e Tecnologia e a quarta foi aprovada por eventualmente notar-se persistência do candidato. Bem-haja o Banco Mundial que através deste Ministério financiou a minha bolsa. Mas o caminho de obtenção dos dinheiros e realização com sucesso e em tempo real o doutoramento foi tortuoso.

**O orgulho:** em todas as trajetórias passadas não houve mão de vantagem do apelido MUATINTE ou outras formas de NEPOTISMO mas sim foi pelo trabalho, desempenho, pela perseverança, persistência, disciplina, unidade, trabalho e vigilância.

**Objetividade e resistência:** no internato de tapatero muitos desistiram por falta de comida e pelas más condições de vida. Eu resisti, terminei a 4ª classe e fomos nós os últimos estudantes a internar pois já não haviam condições logísticas para o efeito. Todos aqueles que desistiram tomaram eventualmente rumos incertos de estudo.

No internato de Marrere, fui escolhido para continuar os estudos em Cuba no início da frequência da 6ª classe. Nós fomos os últimos alunos a internar pois a escola foi transformada num Centro de Formação de Professores e os lares foram extintos. Todos aqueles que reprovaram da 5ª classe enquanto precisavam do internamento provavelmente tomaram caminho incerto nos estudos.

Nas escolas moçambicanas em Cuba terminei a 9ª, classe máxima até então ali leccionada. E nós fomos os últimos alunos a internarem em massa nas ESBECS pois à luz da perestroika de Gorbatchov o Socialismo foi desmoronando-se e as ESBECS deixaram de acolher estudantes Moçambicanos. Todos aqueles que não conseguiram cumprir com a

Ordem, engravidando, reprovando ou cometendo alguma indisciplina intolerável voltaram para Moçambique sem certificado de conclusão da missão, estudos de Cuba.

Na Ex-URSS, voltei com mestrado e a luz da Peristroika as Republicas deixaram de acolher em massa estudantes moçambicanos nas suas universidades. Todos aqueles que não resitiram a alguma pressão de Ordem, engravidaram ou cometeram alguma indisciplina intoleravel voltaram para Moçambique sem nenhum certificado de conclusão da missão, dos estudos.

Na UP terminei o mestrado em Maneio Integrado de Pragas e Doenças e em seguida o curso encerrou as portas pela sua insustentabilidade em recusos materias e humanos. Todos aqueles que desistiram ou não terminaram até aquele ano tomaram um caminho provavelmente incerto de estudos.

Na Universidade North-West fui o único PhD moçambicano entre poucos negros dos outros países a ser graduado naquele Maio de 2017. Devo ser provavelmente o 1º moçambicano a terminar o nível naquela universidade. E lembro-me que deixei para atrás cerca de 10 estudantes cujos nomes desfilavam no quadro do meu supervisor como estudantes candidatos de vários países ao nível de PhD.

**Educação:** eu passei ritos de iniciação masculinas aos seis anos, mas não aquelas supostas de induzir a relações sexuais prematuras mas sim aquelas que instruíam totalmente do contrário. Por isto e pela luta por uma causa futura justa só comecei a ter relações serias com mulheres depois de terminar a Universidade, graduação.

Comecei a apesender saber ser e estar junto de outros humanos nos internatos de Tapatero e Marrere onde muitos alunos eram maioritariamente macuas de Nampula, depois em Cuba nas ESBECS moçambicas com alunos naturais de quase todas as províncias e etnias de Moçambique e, em ESBECS estrangeiras com alunos da Etiópia, Namíbia, Angola, Sudão, entre outros. Na Ex-União Soviética com alunos bancos-moldavos, os quais viam ou ficavam pela primeira vez perto e numa turma com humanos negros como eu. Convivi com alunos e cidadãos de outras repúblicas tais como Ucania, Russia, Uzbequistao, Lituania, entre outros. Em Pretoria na Africa do Sul testei o meu saber ser e estar não só com professores maioritariamente e vulgos “Boers”, claros, diretos e de princípios rijos mas também com estudantes negros da própria Afica do Sul da etnia Zulu, da Uganda, do Malawi e do Lesotho. Na North-University estive com vários sul-africanos negros e brancos incluindo os Profs. “Boers”.

**Instrução:** No meu corpo circula sangue de Fidel Castro com o Marxismo-leninismo em alto, dos soviéticos e russos e duplamento dos “boers” pelo mestrado e doutoramento na Africa do Sul e dos macuas, pela naturalidade e moçambicanos, pela nacionalidade e vida. Escolha e receberá o sangue que precisa do meu estar e ser! É SÓ PEDIR OU CRIAR CONDIÇÕES PARA VER E SENTIR!

**Lições:** em tudo isto sou, tão burro pois nunca consegui estar e ser com mulher da minha vida. Por conseguinte, tenho filhos longe de mim, repentinamente e surpreendentemente me vi num tribunal de menores onde mulher pede 17900Mt por mês do meu salário para alegadamente sustentar meus filhos, para os quais e para ela eu paguei de forma machista todas as contas de casa. Esta mulher está a pedir para mais de 50% do meu salário e para viver eternamente e a custo “ZERO” pelo suor de toda minha vida, acima exposta. Usufruiram e usufruem do meu salário e do meu suor a custo “ZERO”. Será que preciso de me mestrar e doutorar para sair desta burisse e resolver estes problemas que provem realmente da minha burisse?

**Resposta: SIM!**

Então eu já estou a escrever as teses e, porque tenho já pouco tempo, talvez menos de meio século de vida, estou a escrever simultaneamente as duas teses usando todos aqueles sangues que circulam no meu corpo. FIM